

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

PROF. JOSÉ PIO RODRIGUES

Ao refigurarmos a personalidade do Prof. Pio Rodrigues, sentamo-nos de novo nos bancos da escola, pois fomos

bafejados com a sorte de termos sido um dos seus alunos. Nesse tempo «o senhor Professor» era um ídolo que se admirava e reverenciava. Todos os seus passos, todas as suas atitudes eram socialmente arquetipizadas e até uma franja de cabelo que em dia nefasto se desmanchava da risca impecavelmente trazida, era para nós um aviso, um sinal fatalisticamente aceite de que ia haver borrasca.

Nunca lhe topámos um passo em falso, uma frase descabida, uma qualquer atitude que o desmitificasse perante os nossos olhos tímidos e expectantes, mas indelevelmente críticos. Daí o desejo de lhe querermos ser agradáveis e quando sobre um de nós caía a ordem-honra de irmos comprar uma onça de tabaco «Superior» à antiga pensão Peixoto, esse, o escolhido, olhava a plateia colegial com um ar de soberberia vaidosa como a querer dizer: «hoje fui eu o distinguido». Uma pequena coisa dava-nos uma alegria desbordante.

Que dizer dele como Professor? Era justo, competente e dedicado. Tinha o condão de saber ensinar pois nós gostávamos de aprender. Por aquela altura os alunos da quarta classe saíam distintos, aprovados e reprovados. Não conheceu nunca as reprovações, os distintos eram predominantes e sobretudo o saber que nos ministrava era sólido, durava para toda a vida. Por nós, devemos dizer que o português que nos ensinou deu e sobejou para fazermos o 5.º ano.

Outra faceta recordámos dessa época. Apesar de possuir um semblante grave, era o Prof. Pio dotado de um coração muito sensível, sempre atento aos casos de indigência de alguns escolares. Sem reboço poderemos dizer que muito antes de existir cantina nas Escolas Amorim Campos, já a sua casa funcionava como tal, pois era raro o dia que «o Sr. Professor» não dissesse a um aluno: «Tu hoje vais comer lá cima».

Não foi só como educador que José Pio Rodrigues se impôs na terra fan-

(Continua na pág. 4)



ATINGE as raias do desaforo aquilo que se passa actualmente com a Assembleia de Freguesia. Ela não reúne. Os orçamentos são feitos, se é que o são, sem que a freguesia dê por isso. Os relatórios anuais são lidos, se é que o são, apenas para o Secretário e o Presidente da Junta. Obras que se concretizam, opções que podem compromete-

EDITORIAL

ter irreversivelmente o futuro da freguesia, tudo acontece nas costas dos fangueiros.

É, aliás, motivo para muito espanto, a inércia, a impassibilidade dos habitantes de Fão por tudo o que se está a passar. Os fangueiros, em relação aos seus vizinhos sempre se pensaram filhos de algo. São contestatários, refilões, por dá cá aquela palha arregaçam as mangas dispostos a tudo.

Será que arregaçam mesmo? Se calhar é só fumaça.

(Continua na pág. 3)

RALLY PEDREIRAS NA VOLTA A PORTUGAL

Segundo o «Novo Fangueiro» conseguiu apurar, o troço de estrada que atravessa as Pedreiras contará, para o ano que vem, para o rally de Portugal. A verdade é que César Torres, director da prova, achou por bem incluir aquela classificativa que pela grandiosidade do traçado causa inveja às selvas Africanas e tornará o rally muito mais duro que o Paris-Dakar. Soubemos também que nesse sentido houve já contactos com a Junta Autónoma das Estradas para que se abstinisse de tomar medidas com a pavimentação da via, arranjo das bermas, etc. Tendo em conta que aquela entidade tem demonstrado uma vontade indomável de fazer aqueles arranjos, será difícil a César Torres impedir a briosa Junta Autónoma de levar avante os seus intentos e assim arredar definitivamente da prova automobilística, tão magnífico troço de estrada.

Soubese também que este ano o rally contará com mais concorrentes portugueses que são exactamente os habitantes das Pedreiras que já há alguns anos, treinam intensivamente aquela parte do percurso. Estes concorrentes, vêem assim aberta a possibilidade de competir com outros nomes de automobilismo mundial, numa prova onde eles já gastaram boa maquia em peças do automóvel mas que pela inclusão das Pedreiras no rally dão o dinheiro por bem empregue.

Espera-se, portanto, a colaboração da J. Autónoma e oxalá que não se lembrem de arranjar totalmente a estrada. Aquela entidade tapou alguns buracos no princípio do troço, mas como diria o Odorico do Dr. Leão «Eles só vieram aqui para nos desmoralizar, mas não passam duns piadista militante».

J. A. MADUREIRA

REUNIÃO ROTÁRIA

Como vem sendo hábito, houve mais uma, reunião rotária do Clube de Esposende, no Hotel do Pinhal, na preterita sexta-feira, dia 2. Foi de jantar e houve palestra.

Tratou-se de mais uma reunião de convívio, de sã camaradagem, de alegre participação. Trata-se de dezenas de pessoas de sensibilidades diferentes, de ideologias variadas, que se sentam frente a frente, que conversam, que discutem por vezes acaloradamente, mas que se respeitam, que se toleram e que se estimam por isso mesmo. Salvo melhor opinião, é ali, por acaso no Hotel do Pinhal, nas sessões de sexta-feira, que se passam as melhores noites do concelho.

De que falam afinal os Rotários? De tudo. Qualquer pessoa intervém sobre o que quiser. Também de política e de religião? Também, tendo em conta o indeclinável espírito de tolerância, isto é, partindo do princípio de que as ideias dos outros, quaisquer que elas sejam, merecem o mesmo respeito que as próprias. Ali fala-se de tudo, sem inibições, agora como dantes. Era por isso que Salazar não morria muito de amores pelos Rotários.

Mas os Rotários só falam? Não apenas. Vocacionalmente têm que agir, devem agir, obrigam-se a desencadear acções a favor da comunidade. Essencialmente devem chamar a atenção, alertar a sociedade, sensibilizar as autoridades para o preenchimento de certas lacunas da terra; chamar a atenção e integrar-se activamente nos processos desencadeados.

Actualmente os Rotários de Esposende estão a custear os estudos de um seminarista. Estão igualmente empenhados em levantar uma casa em Curvos para uma família numerosa; não é sua missão, como é óbvio, ofertar o dinheiro para o edifício, mas congregar esforços para que a casa seja feita com todas as ajudas possíveis. Os Rotários aqui funcionarão como agente catalizador das boas vontades envolventes no caso. Claro que isto depende muito da pertinácia dos Clubes e dos respectivos Presidentes.

Voltemos no entanto à reunião do dia 2. Uma senhora do Porto, a Dr.^a Guiomar Dias, veio falar de nutricao-nismo, veio dizer o que fazia mal na

alimentação, o que se deveria comer, em que quantidades, que diferença havia entre azeite e óleos, entre margarina e manteiga e muitas coisas mais. A palestra durou até à meia noite e as perguntas até à uma hora. Ninguém queria arredar pé tal o nível e o interesse veiculados pela palestrante.

Normalmente os doutores Zé Alberto e Juvenal, a meio das comunicações, costumam mandar umas «bocas» que

abalam um bocado os oradores; ou então, se eles se aguentam, avalizam-nos como pessoas de palavra fácil e segura. Pois a Dr.^a Guiomar aguentou com certo *fair play* todos os «extras» que lhe foram lançados e para tudo e todos teve respostas concludentes.

Pena é que estas palestras não tenham mais público, tão influentes elas podem ser no bem estar das populações.

CONCURSO PARA CANDIDATO A ÁRBITRO DE FUTEBOL

Decidiu o Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol de Braga, tendo em atenção o período de férias, prolongar a aceitação de inscrições até 31 do mês corrente.

As condições são as mesmas: não ter menos de 18 anos de idade nem mais de 33, possuir como habilitações mínimas a 4.^a classe, residir na área do Distrito de Braga, no ter menos de 1,60 de altura e no ter sofrido pena disciplinar em qualquer modalidade desportiva superior a 30 dias de suspensão, mesmo que amnistiadas.

A inscrição processar-se-á através de um requerimento feito em papel azul de 25 linhas do qual deverá constar: nome, idade, estado, filiação, naturalidade, residência, número do B. I., data e arquivo, ainda o grau de habilitações literárias.

Gratos pela melhor atenção, aproveitamos o ensejo para apresentar as mais cordiais saudações desportivas.

Pel'O Conselho de Arbitragem
da A. F. Braga
Oscar Dias Pereira

Incêndio em FÃO

Na madrugada de sexta para sábado (dia 3) deflagrou um violento incêndio no edifício dos móveis Durães, antiga casa que pertenceu ao Dr. Franklin Nunes.

O fogo, que teve origem numa chaminé de aquecimento mal adaptada à estrutura do imóvel, começou no andar de cima e aí se confinou, dada a acção pronta e eficaz dos nossos bombeiros superiormente dirigidos pelo Comandante Fernando Vilar.

Os andares de baixo estavam repletos de móveis, pelo que o sinistro poderia ter tomado proporções alarmantes.

De qualquer modo, os prejuízos atingiram os mil contos.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

LENTE DE CONTACTO

RUA DA MISERICÓRDIA, 2-15 - 4700 BRAGA - TELEF. 75777



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

O BANCO DO APOIO REGIONAL

DESPORTO



UMA CONVERSA COM RAUL PIMENTA — Treinador dos Juniores

Numa terra pequena como a nossa as coisas e quem diz coisas diz instituições, eventos marcantes, acontecem por môr da carolice de uns tantos que se ocupam dos Bombeiros, dos Hospital, do Futebol e de quejandos que preenchem o quotidiano social de Fão.

Um desses carolas é o Raúl Pimenta, funcionário bancário nos tempos úteis, técnico de futebol (de baliza às costas) nas horas vagas. Pois a este conterrâneo, juntamente com o Prof. Eugénio Barreira devemos a criação dos juvenis o ano passado e todo o comportamento meritório por eles atingido.

Este ano o Raúl «subiu» aos juniores. Porque não os juvenis?

É o próprio que nos responde numa conversa que há dias tivemos em sua casa:

— O F. C. de Fão não concorreu aos juvenis porque no escalão etário que vai dos 15 aos 16 anos não se conseguiu um número de atletas que justificasse uma equipa. Até aqui podiam ser juvenis com 17 anos feitos. A partir de 1 de Agosto, só com 16. Daí a Direcção ter optado por uma equipa de juniores. Não foi, pois, uma atitude caprichosa como se poderia inferir do editorial do último «O Novo Fangueiro». Foi antes uma atitude pragmática ditada pelas circunstâncias.

— Quer dizer que a Direcção apoia esta equipa?

— Ah! Sim, totalmente. Podem, é certo, existir falhas que decorrem das carências várias que asoberbam o Clube. De qualquer modo temos o apoio da Secretaria; as instalações estão ao nosso dispôr e quem diz instalações, diz equipamentos, transportes, etc.

— E o entusiasmo dos miúdos?

— É grande, é consolador. Basta atentar na presença maciça aos treinos; pode haver uma ou outra ausência provocada pelos estudos ou por qualquer outro motivo; nunca por falta de interesse. Os equipamentos estão-lhe distribuídos e são eles que os lavam, que os guardam zelozamente.

— Como reagem os pais?

— É claro que andam entusiasmados e até vaidosos. No entanto penso que os deviam acompanhar mais de perto, fazendo que os filhos levem uma vida mais saudável. Eles devem ter bem presente que o futebol não é só um entretenimento, mas um factor de educa-

ção física e cívica também que pode ter os seus reflexos no futuro.

— Isso leva-me a supor que os juvenis e os juniores que apareçam em Fão não devem ficar amarrados eternamente ao Clube?

— De modo nenhum. Eles devem seguir a sua vida, devem aproveitar todas as oportunidades que os favoreçam. Outros aparecerão e eu estou convencido que as classes de juvenis e de juniores serão sempre o alfofre do futebol sénior da nossa terra.

— Muitos dos miúdos estudam. Pela experiência colhida parece-te que os estudos são desvirtuados pelo futebol?

— Para alguns pais pode parecer que os treinos prejudicam os estudos. Continuo a dizer que não é a perda de hora e meia duas vezes por semana que

prejudica os alunos-jogadores. Conheço bons jogadores que são bons estudantes. Da parte dos responsáveis há sempre um empenhamento em aconselhar os atletas em não descurar os estudos.

— Aspirações?

— Para já estamos a disputar um campeonato regional com 12 equipas das quais serão seleccionadas três. Temos ambições, embora muitas equipas opositoras provenham de centros industriais, o que quer dizer economicamente mais poderosas.

— Sente-se o mesmo apoio aos juniores que existiu para com os juvenis por parte da população?

— Existe apoio, sem dúvida, mas as pessoas vivem na expectativa dos resultados e todos esperam que os rapazes façam uma carreira à altura do ano passado.

Desde já faço um apelo: A Direcção não me passou procuração mas eu entendo que o Clube precisa de toda a gente. O Clube não é de alguns, mas de todos os fangueiros, sócios ou não. Todos devem ajudar tanto quanto lhe for possível, esquecendo agravamentos pessoais o que está em causa é o F. C. de Fão e não as Direcções que mudam todos os anos.

Que este apelo tenha pleno eco em Fão são os votos de «O Novo Fangueiro».

A. S.

Um certo ar urbano que resume da freguesia e a pose enfática com que os íncolas locais dizem: «nós, os fangueiros» deixaria supor que efectivamente o povo de Fão trata do seu futuro com empenho, importa-se com a política local, preocupa-se com o seu estatuto de cidadão, em suma, ama a sério, porque vive a sério, a sua terra.

No entanto a Assembleia não reúne, os fangueiros não

(Continuado da pág. 1)

reagem, o que traduz ausência de força, de vitalidade, de capacidade. É que reunir a Assembleia da Freguesia, intervir nos debates, dar pareceres, apresentar sugestões, aprovar ou não os relatórios, discutir orçamentos significa maturidade cívica, confere estatuto de cidadania plena.

Sem dúvida que o responsável concreto, personalizado, pela não reunião das assembleias de freguesia é o respectivo Presidente. Só ele as pode convocar.

No entanto a inépcia do povo local, a sua imaturidade revela-se também na compro-

vada falta de senso para eleger responsáveis à altura do decantado prestígio fangueiro. Desafortunadamente este Presidente não faz as convocatórias que a lei prescreve muito taxativamente. Desconsidera o povo que tanto o considerou.

E por que não o faz? Por que não reúne a Assembleia de Freguesia?

Por mais ponderosas que sejam as suas razões, não tem desculpa nenhuma para o mau

EDITORIAL

serviço que está a prestar à comunidade fangueira. É possível que o intimide a defrontação com as pessoas reunidas. É crível igualmente que não pretenda erguer labaredas no clã que o elegeu.

Tudo isso é humanamente aceitável, só que enegrece a auréola da dignidade com que deveria exercer a função.

Obviamente, isto é, se quiser preservar a sua honra deveria demitir-se. Assim, os tais que não são filhos de algo deixariam de dizer que nós, os de Fão, não passamos de um fogo fátuo. Por muita culpa dele e dos fangueiros também.

(Continuado da pág. 1)

O PERFIL DE HOJE

gueira. Foi, por assim dizer, um homem público, tendo ocupado vários cargos em Fão e entre eles o de Presidente da Junta, por duas vezes. Não que o aco-metesse a sedução do poder, mas acima de tudo procurava com a incomodidade de uma anuência atingir certos objectivos que condicionalmente lhe eram acenados. Foi assim que assumiu a Presidência da Junta pela segunda vez, ante a promessa de que Fão iria ter um novo edifício escolar.

Parece-nos secundário enumerar toda a sua acção à frente da autarquia. Diremos sim que a sua preocupação primeira foi retirar da face da vila o aspecto menos urbanizado, mais tosco, que esta apresentava em alguns lugares, caso da rua da Cantina que ele transformou na moderna Amorim Campos. O mais destacável em Pio Rodrigues,

porém, não foi o muito que fez por Fão, mas o modo exemplar como sempre procedeu. Era com efeito uma pessoa séria, persistente e determinada. Ninguém tinha a ousadia de ir lá a casa meter uma cunha. Quando estava em causa o bem da terra, não olhava à cor da camisola, muito menos a quem a vestia. O caso do arruamento em frente ao hospital, que tanta retumbância teve, ilustra bem o nosso acerto. De costela e de raiz profundamente demo-

crática, Pio Rodrigues era um cidadão que tratava todas as pessoas com a mesma atenção e cortesia e sobretudo como autarca era o representante da freguesia perante o Governo, mais do que representante do Governo junto à população. Assim, foi defensor corajoso de alguns oposicionistas perante os *raids* que a Pide de vez em quando efectuava a Fão. Disse-nos o insuspeito Dr. Alceu: «O Pio safou-me algumas vezes das garras da Pide».

Pio Rodrigues, um Mestre inesquecível, um cidadão exemplar.

A. S.

FALECIMENTOS

Na madrugada do dia 3 do corrente mês faleceu no Hospital Militar do Porto o nosso estimado conterrâneo Major Albino Pedrosa Viana.

Infelizmente foram infrutíferos todos os esforços que a medicina desenvolveu para o salvar. Foram feitas todas as análises, tentaram-se várias terapêuticas, mas o vírus que o atacava não obedeceu a qualquer dos remédios ensaiados.

A sua doença durou poucos meses, com períodos de quebranto e acalmia, o que trazia em permanente tensão todos os seus familiares e inúmeros amigos.

A trasladação dos restos mortais do Porto para Esposende efectuou-se no domingo. Na segunda realizou-se o enterro

para o cemitério local, com chuva verdadeiramente diluviana.

Uma Companhia de soldados da Região Militar do Norte, postada frente ao cemitério, fez soar as salvas do estilo devidas a um oficial superior.

Que descanse em paz este nosso querido companheiro de infância e de estudos.

ESTANISLAU PEREIRA DA SILVA

Em Porto Alegre, Brasil, faleceu o nosso conterrâneo Estanislau P. da Silva, com a provecta idade de 86 anos.

Ainda no último Verão este conterrâneo se demorou por cá uns meses, como aliás vinha fazendo desde há muito, apesar da idade.

As famílias enlutadas o «Novo Fangueiro» apresenta pêsames.

Pelo Hospital

No Hospital de Fão começou a funcionar o novo gabinete de Oftalmologia, sob a orientação do Dr. José Manuel Ribeiro. As consultas efectuam-se aos sábados e segundas, a partir das 14 horas. Parabéns à Direcção do Hospital por mais esta iniciativa.

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telefs. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra inovadora para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como de especialidade. Enriquada não só no aspecto etimológico, com muitas novas palavras de origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do apêndice de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 6.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os de língua portuguesa, o mais completo e o mais atualizado quanto à terminologia técnica e científica.

EDITORA EDITORA LDA
LIVRARIA ARNADO LDA
RUA L. RUMENEZA, 12

O Mundo em que vivemos

A diferença entre a morte e a vida

por E. REAL

A tragédia esteve iminente: dois aviões de passageiros, um espanhol e outro alemão, estiveram prestes a embater, no espaço aéreo português.

Ambos comunicaram a sua posição ao Aeroporto. O primeiro, aos Serviços de Controlo do Sector Sul e o segundo aos do Sector Oeste.

Ambos receberam a devida autorização, que lhes permitia sobrevoar o mesmo espaço português, à mesma hora e à mesma altura de voo.

Como pôde isto acontecer? Pôde porque, ao que parece, os Sectores de Controlo funcionam independentemente,

não comunicando entre si. Assim, um Sector ignora o que se está a passar nos seus congéneres.

O drama, porém, ficou suspenso. O Destino, por esta vez, não foi cruel. Uns aparentemente insignificantes sete segundos detiveram os dedos gelados da Morte e a Vida triunfou. Uma tão pequena fracção de tempo bastou para que o choque não acontecesse.

Isto leva-nos a meditar. Faz-nos pensar como a dor e o riso, a alegria e o pranto, a esperança e o desespero, o divertimento e a catástrofe, são perigosamente vizinhos. Como a diferença entre a Vida e a Morte pode ser, exactamente, a de sete segundos ...

Aumente o seu Colesterol!...

Pois claro! Um bom petisco é sempre bem recebido. E que vale um detestável colesterol perante um adorável cozinhado, daqueles que consolam o corpo e a alma?...

Ora então vamos a isto:

a cozer em água, sal, vinho branco, cravo, pimenta em pó, e cebola.

Coze cerca de hora e meia.

Que tal? Faz crescer água na boca? Ora, não sejam lambareiros e vamos à sobremesa:

ROLO DE VITELA

- Vitela — 300 gramas.
- Presunto — 125 gr.
- Bolachas de água e sal — 8.
- Vinho do Porto — 1 cálice.
- Molho inglês — 1 colher de chá.
- Ovos — 3.
- Pimenta e Sal — o necessário.

Passam-se as carnes e as bolachas pela máquina, juntam-se as bemas e os outros ingredientes. Mistura-se tudo e seguidamente adicionam-se as claras, batidas em castelo.

Põe-se tudo num guardanapo polvilhado com pão ralado e enrola-se, indo

BOLO DE UM OVO

- Ovos — 1.
- Açúcar — 200 gramas.
- Manteiga — 1 colher de sobremesa.
- Leite — 1 decilitro.
- Bicarbonato — 1 colher de chá.
- Canela — 1 colher de chá.

Bate-se o ovo muito bem e junta-se-lhe o restante. Bate-se tudo até empolar e adiciona-se então a farinha, aos poucos, misturando bem, e vai ao forno em forma untada com manteiga.

Gostaram? Oxalá que sim. Então até ao mês que vem e ... BOM APETITE!...

Tia Mariquinhas

JORNAL DE ESPOSENDE

Voltou à luz do dia este nosso colega de Esposende. Alegramo-nos com o seu reaparecimento e fazemos votos de uma vida longa e plena.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saralva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

- Dr. Armando Saralva
- Dr.ª Maria Emília Corte-Real
- Maria José Barra Reis Pimenta
- Dr. José Augusto Madureira
- Dr. Alceu Vinha dos Santos

PROPRIEDADE:

- Armando dos Santos Saralva
- José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

- R. de Cima n.º 5 — Fão
- Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

- BINOGRÁFICA
- Praça João XXIII — Telef. 60318
- 4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

- Anual 350\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante

HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

BOITE COM CONJUNTO
Todos os Sábados
Das 20.00 h às 23.00 h - Jantar dançante
Das 23.00 h às 03.00 h - Entrada livre

RESTAURANTE PANORÂMICO
Todos os Domingos
Almoços «buffet» e Especialidades Regionais

SERVIÇO DE BANQUETES



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

Preços especiais Outono/Inverno

Por dia e por pessoa, em alojamento e pequeno almoço, 1.250\$00

Fins de semana de Outono, por pessoa, 2.950\$00

inclui:

- sábado — jantar dançante c/conjunto na boite e alojamento
- domingo — pequeno almoço e almoço buffet no grill panorâmico

Crianças até 12 anos — 50% desconto

Salões equipados para Congressos até 500 pessoas, sem aumento de preço

Entre o pinhal e o mar, frente ao estuário do Cávado, em Ofir. Aproveite para conhecer o Minho, a beleza das suas paisagens, os costumes ancestrais e hospitaleiros do seu povo, desfrutando do ambiente calmo e confortável do Hotel do Pinhal.

Local ideal para os que, em viagem, desejam uma noite repousada.

Da minha



varanda

por ZINHA

A festa de Santo António!

Quem não souber, pensará que se trata de grande romaria, de enorme arraial, de brilhante iluminação.

Mas não, nada disto. A festa do nosso Santo António, tão simples ela era ...

Era eu rapariguita e como então não houvesse divertimentos, tudo o que aparecia era motivo de grande satisfação e de projectos antecipados. Pois a festa deste nosso Santo, creio eu que se realizava em fins de Setembro ou princípios de Outubro.

Uns dias antes, a Capelinha era arranjada e o caminho mais ou menos composto. Depois, dois ou três arcos enfeitados e um, no início do caminho, queria dizer que por ali era a festa.

Então, no Domingo, uns foguetes de manhã cedo vinham relembrar que o Santo Antoninho da fonte esperava por nós. E lá se ia à missa cantada pelas 11 horas e lá se trazia depois «a regueifa» da praxe. Mas nós gostávamos era mais dos números da tarde.

Pelo caminho, lá pelas 3 horas, íamos comendo amoras (e tanto pó elas tinham!) e sempre de olho no piso que, creio mais danificado por chuvas de véspera, nos obrigava a grandes malabarismos para não meter o pé na poça e mesmo a subir, por vezes, aqui e ali, o muro. Mas tudo fazia parte do programa e nós queríamos era festa.

Enquanto na Capela o sermão não começava, tudo ia junto à fonte «atirar a pedrinha», num tal buraquinho. Dizia-se que quem nele acertasse casava e quem não acertasse ficaria sempre solteiro. Claro que toda a gente queria casar e, então, tudo procurava pedras redondinhas, jeitozinhas, mesmo à medida! E fazia-se mira, e faziam-se investidas, mas ... oh casas! As pedras assentavam bem era lá no fundo, metidinhas na água. Eu também nunca acertei, era mesmo difícil, mas o Santo Antoninho sempre me amparou alguém ...

Mas começam a chegar pessoas para cumprir promessas, andando umas quantas vezes à volta da Capela, algumas agradecendo a cura do seu «chiquinho» (tratava-se, com licença, do porco), outras, a doença que deu nas galinhas mas que as não dizimou. E

mais intenções certamente, mas sempre o Santo António era o protector dos animais.

E rezava-se o terço e ouvia-se o Sermão. Muita gente cá fora, claro, pois nesse dia a Capela era demasiado pequena.

E então era isto, a festa?

Não, tinha mais. Havia também um coreto de madeira, armadinho mesmo para a ocasião e onde, repimpados se encontravam os músicos, anafados e com cara de circunstância. Depois de peças sérias, cheias de sustenidos, lá saíam aquelas modinhas logo aproveitadas, por meia dúzia, para um pé de dança.

E que mais?

Ora, podiam-se comprar tremoços e também havia à venda pirolitos, aqueles que tinham bolinha de vidro ...

Mas o melhor, ainda está para vir. Era o partir dos cântaros!

Tudo contra os muros, tudo em posição — ia ser içado o primeiro cântaro! Era um cântaro de barro, grande, tapado, novinho em folha, que, lá do alto, desafiava quem, de espada em punho, o havia de partir. Havia já «correntes militantes», homens altos e magros, que faziam investidas seguidas religiosamente por todo o público que

sempre as acompanhava com gritos e vivas e palmas. Em breve, ferido de espada, lá mostrava o primeiro cântaro uma asa de galinha e depois o segundo, a escorrer, o chichi, possivelmente de um coelho ...

Mas não eram três cântaros? Sim, eram três cântaros e quando era erguido o último, notava-se certo movimento entre as pessoas, empurrões, atropelos.

Era a pequenada! Tinha chegado a sua vez. É que enquanto o conteúdo dos outros cântaros pertencia àquele que o escacasse, este agora, era para quem lhe deitasse a mão. Conteúdo, — Amendoins!

Era preciso ter cuidado e os pés bem firmes para não ser levado naquela avalanche. Depois, só se viam rapazes, uns por cima dos outros, de rastos pelo chão, tentando meter para os bolsos e para as boinas os tão desejados amendoins!

Que festa para eles! E para toda a gente afinal, que assim se divertia.

E pronto! A Capela se fechava, a música se despedia, os pirolitos eram arrumados, o alguidar dos tremoços posto à cabeça, meia dúzia de foguetes estalava e o povo se punha em debandada.

Tinha acabado a festa!

EMBARGO PRECISA-SE. JÁ

No canto da R. do Adro (em frente à casa Sá Pereira) com a R. S. José (atrás do Priorado) está a ser levantado um pequeno edifício com graves inconvenientes para o futuro da freguesia.

Com efeito, a nossa terra, que não passou durante muitas centúrias de um povoado piscatório, apresenta mesmo no centro da vila alguns quintais que em alguns casos ensejaram o aparecimento de pequenas vielas que mal davam para a passagem de um carro de bois. Foi preocupação de alguns Presidentes da Junta que por cá passaram alargar tais caminhos sempre e onde era possível. Estamos a recordar a Rua Amorim Campos feita por Pio Rodrigues e a R. de S. José arranjada por Agonia Pereira. Nisto os citados Presidentes empenharam-se a fundo, com certo tacto, muito empenho e sempre a preservar o bem de Fão.

Pois a R. do Adro, precisamente a partir do prédio Sá Pereira até à R. Prior Nogueira, é actualmente um des-

ses caminhos que podia e deveria ser alargado pois tem muro dum lado e doutro durante grande parte do seu trajecto. Política assizada e criteriosa seria não consentir o levantamento de qualquer casa mesmo na berma da ruela.

Pois foi precisamente o que aconteceu. O respectivo proprietário com todo um lanço de terreno que vem quase até à R. de S. João, foi levantar a casa mesmo em cima da linha, prejudicando irremediavelmente qualquer arranjo futuro daquela rua.

Esclarecemos: o proprietário «foi levantar» porque a Câmara autorizou um projecto a que a Junta previamente havia dado o seu «nihil obstat».

Isto é um verdadeiro atentado contra a estética e a urbanização da nossa terra. Se a Junta local e a Câmara concelhia estimam conscientemente a vila de Fão, mais do que a sua clientela, devem impedir por todos os meios ao seu alcance a continuação daquela obra.

Voltaremos ao assunto.

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO